

Le Goff e a periodização da História

THIAGO SAMPAIO¹

UNESP / Assis

LE GOFF, Jacques. *A história deve ser dividida em pedaços*. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

Atualmente vivemos uma época que o papel da História tem sido questionado socialmente, principalmente como disciplina escolar. Ao ensinarmos o papel da História para a sociedade buscamos apresentar marcos cronológico para facilitar a aprendizagem didática de alunos e outros leigos, sendo um dos principais desafios para os historiadores à formulação desses cortes temporais. Partindo desses questionamentos e os efeitos da mundialização na sociedade, foi produzida a obra *A história deve ser dividida em pedaços?* escrita por Le Goff, publicada em 2014 pela Editora *du Seuil* e, no Brasil, em 2015 pela Editora UNESP.

Le Goff foi um dos principais representantes da terceira geração dos *Annales* e especialista no período Medieval. Seus escritos buscaram construir outra visão da Idade Média a partir da perspectiva de uma antropologia histórica do ocidente europeu. Em *A história deve ser dividida em pedaços?* o autor realizou sua última defesa sobre a importância da época Medieval e constrói uma argumentação em favor do conceito Longa Idade Média.

Didaticamente, tem se ensinado que a Idade Média se encerrou em 1453 com a tomada de Constantinopla pelos turcos Otomanos. Entretanto,

1. Mestre em História pela UNESP/Assis.

ao se fazer uma defesa em favor do conceito de Longa Idade Média, Le Goff mostrou que a o período Medieval só terminou com as Revoluções do século XVIII, a Industrial e Francesa. Ao mesmo tempo, o autor rompeu com a ideia que o Renascimento acabou com a Idade Média, mas é postulado que a renascença foi uma renovação e prolongamento do medievo.

A história deve ser dividida em pedaços? está subdividida em oito capítulos, preâmbulo e prelúdio. No preâmbulo, Le Goff faz uma breve reflexão sobre as motivações que o levaram a falar sobre a história e suas periodizações. Ele assinalou que seu escrito começou em 2013, período que cada vez mais sentimos os efeitos cotidianos da mundialização nas nossas vidas. Nessa parte, o autor rememorou sua trajetória como historiador, especializado na Idade Média, e seu concurso para professor presidido por Fernand Braudel. Ao final, Le Goff dissertou que seu escrito mostrou uma nova percepção do medievo, a chamada Longa Idade Média.

No prelúdio, Le Goff afirmou sobre a necessidade que as sociedades humanas sempre tiveram para a realização da marcação do tempo, primeiramente com os calendários solar e lunar e posteriormente organizamos o passado através de épocas, ciclos, marcos, períodos e Idades. O autor chamou a atenção para o termo período que significava um caminho circular, podendo ser uma ideia de ruptura ou continuidade temporal.

Ao final, Le Goff fez uma breve relação histórica entre a Idade Média e o Renascimento, mostrando as dificuldades de datação para o início da Renascença. Além disso, é assinalado que a palavra século tem seu aparecimento ao longo de XVI, tendo um significado diferente do que estamos acostumados.

No primeiro capítulo *Antigas periodizações*, Le Goff apresentou as divisões da História por religiosos a partir da perspectiva da tradição judaico-cristã. Nessa concepção, apareceram à divisão proposta por duas figuras

Daniel (Antigo Testamento) e do Santo Agostinho. Ambas as cronologias são inspiradas pelos ciclos da natureza: Daniel pelas quatro estações da natureza e Santo Agostinho pensando nos seis dias da criação.

Durante a Idade Média ocorreu o surgimento de outras concepções de tempo, uma delas é a de Jacopo de Varazze sendo uma continuidade da tradição religiosa, mas que propunha uma divisão sanctoral (através da vida dos santos) e a temporal (liturgia). Ao final do capítulo, Le Goff dissertou sobre a proposta de Voltaire em Setecentos que seria através de “século”. Entretanto, para Voltaire século significa uma era de apogeu e nessa perspectiva a História teria passado por quatro apogeus a Grécia Antiga, a administrações de Júlio Cesar e Augusto em Roma, a tomada de Constantinopla pelos turcos otomanos e a era de Luis XIV.

No capítulo *Aparecimento tardio da Idade Média*, Le Goff assinalou as transformações sofridas no Império Romano após a conversão de Constantino. Nesse capítulo apresentou que até o início da Idade Média é algo de difícil datação e a uma polêmica sobre seu começo.

O desejo de periodização da História se intensificou no século XIV. Na Idade Média houve o aparecimento dos conceitos de antigo e moderno buscou-se explicar o que seria cada um. A partir disso, associou-se que o período que estavam vivendo seria no meio desses. Os poetas e escritores no século XV acreditavam que o fim do Império Romano encarnava uma arte e cultura própria, diferente do que estavam vivendo. Assim, a Idade Média tornou-se um período intermediário entre uma “Antiguidade imaginária” e uma “Modernidade imaginada”.

O termo Idade Média foi cunhado por Petrarca no século XIV, mas o conceito não parece ter sido corrente até o fim do século XVII. Nesse período, pensadores ingleses começaram a associar o período Medieval com tempos sombrios e que moldou a mentalidade até hoje sobre essa época. No

século XIX, o Romantismo tentou reabilitar o termo Idade Média tirando sua negatividade. Mas, apenas no século XX com a escola dos Annales buscou-se dissociar obscurantismo com a Idade Média, mostrando que foi um período de criatividade e florescimento de várias tendências. Ao tratar das conotações sobre a Idade Média, Le Goff mostrou que a periodização da história jamais é um ato inocente ou neutro, sendo uma divisão artificial e provisória.

No capítulo seguinte *História, ensino, períodos*, Le Goff assinalou o papel do Historiador para compreender a lógica do tempo a partir de um formato contínuo e global sobre o passado.

No século XVII ocorreu um primeiro desenvolvimento das pesquisas e tratamento de fontes históricas. A partir disso, a história começou a ganhar mais força socialmente. Em 1802, ela se tornou obrigatório na França com Napoleão Bonaparte. Com a Revolução Francesa, a História começou a ser moldada sobre novas concepções e houve a criação de cátedras em diversos países, mostrando o fortalecimento que a História estava ganhando nas Universidades.

No capítulo *Nascimento do Renascimento*, Le Goff assinalou que o termo Renascimento apareceu no século XIX e com as obras de Michelet começou a ocorrer uma distinção entre renascença e Renascença. O uso do “R” seria para intensificar a força transformadora que esse período teve para a História. Em 1841, em um curso elaborado por Michelet foi apresentado às bases do período renascentista que teve sua origem nas regiões da Itália.

Em *Renascimento Atualmente* Le Goff analisou as pesquisas mais recentes sobre o período, mostrando que todas elas são apresentadas uma relação da Idade Média com o Renascimento. Com o século XX, houve uma melhora da “reputação” do período Medieval a partir de novos estudos. Aquela concepção de um período obscuro e decadente começou a

ser abandonado. Algumas interpretações sobre o Renascimento buscaram mostrá-lo como uma ideia de retorno a antiguidade e outros como uma continuação da evolução do pensamento medieval.

Ao final do capítulo o autor mostrou que a História precisa ter uma flexibilização da sua periodização, que o Historiador não deve seguir a risco as datações e marcas, pois existem períodos de continuidades e rupturas que se entrecruzam.

No sexto capítulo, *A idade Média se torna “os tempos obscuros”*, Le Goff apresentou que houve um desprezo da elite cultural do Renascimento em relação a Idade Média, essa depreciação originou termos como Idade das Trevas.

A elite cultural acreditava que não havia concepções culturais e estéticas durante o período Medieval. Entretanto, como sabemos, a Idade Média foi responsável pela criação de diversas obras primas. Le Goff assinalou a importância que teve Giotto, a passagem da arte românica para a gótica e a Divina Comédia de Dante para a cultura e artes do medievo.

Ao final do capítulo, o autor apresentou um panorama sobre a mentalidade do período a partir da ideia de bruxaria. O termo surgiu com Tomás de Aquino que seria uma humana que fez um pacto com Diabo. A personagem da bruxa ganhou força durante o período do Renascimento, mostrando como existiu uma relação das mentalidades do Medievo para a Renascença.

Além disso, Le Goff chamou a atenção para a redução do latim nessa sociedade que passava por transformações. Com a diminuição da língua latina houve o aparecimento das primeiras línguas nacionais.

No penúltimo capítulo, *Uma longa Idade Média*, Le Goff apoiou-se na concepção de Braudel sobre longa duração para pensar o termo Longa Idade Média. Para ele, diversas invenções e instrumentos de navegação utilizados

durante o “descobrimento da América” tiveram sua origem nos progressos técnicos do período medieval. O autor notou que as transformações que levarão ao “descobrimento da América” foram resultados da continuidade de um progresso econômico que vinha com a produção e uso de metais. Para Le Goff, o Renascimento “só fez prolongar a Idade Média” (p. 125) que teve seu fim apenas com as revoluções Industrial e Francesa no século XVIII que mudaram completamente aquela sociedade e a concepção de tempo da humanidade.

No último capítulo, *Periodização e Mundialização*, serviu como a conclusão da obra, Le Goff reafirmou que o Renascimento seria um subperíodo da Idade Média. Além disso, ele faz uma clara defesa da noção de longa duração mostrando ser uma concepção fundamental para entender as combinações de continuidades e descontinuidades na História.

A obra *A história deve ser dividida em pedaços* tem uma importância ímpar para refletirmos sobre as periodizações e os marcos cronológicos da história. Como texto póstumo de Le Goff é uma defesa de sua vida como especialista no período Medieval, pois mostrou como não devemos entender esse período com juízo de valores e quebrar concepções errôneas sobre a época.

Com uma leitura agradável e uma linguagem clara, o livro deve estar presentes nas diversas prateleiras de Historiadores, não apenas Medievalistas. Nele vemos a defesa ao direito a História que a sociedade em um mundo cada vez mais conservador e globalizado precisa para compreender como é fundamental entendermos a relação do homem com o tempo.